

Em ação

Juntando forças para construir um sistema alimentar resiliente, sustentável, seguro e saudável!



Outubro 2022

Numa palavra

2

Em destaque

Não deixe NINGUÉM para trás: Celebre connosco o Dia Mundial da Alimentação a 16 de outubro!

3

Envolvido

A WUWM coorganizou com a Eurocities, um webinar de peritos intitulada «Cidades e mercados grossistas - Oportunidades de colaboração em sustentabilidade e acessibilidade alimentar»: Encontre aqui os principais resultados!

5

Em factos

7

Em foco

#WUWM2022, promover a cooperação para alcançar o ODS 12.3: Só a inovação e o investimento em melhores cadeias de abastecimento alimentar podem evitar que os resíduos alimentares se agravem.

8

Entrevista

com Abdullah Al Hameli, CEO Cidades Económicas e Zonas Francas, Grupo AD Ports, na conferência #WUWM2022

10

Entrevista

com Delphine Acloque, especialista em sistemas alimentares nos países do MENA.

13

Boas práticas

Peter Defranceschi, partilha connosco o «Manifesto para padrões alimentares mínimos nas cantinas escolares» que o ICLEI acaba de lançar

18

Em eventos

O grupo dos mercados de rua da WUWM reuniu-se em Stugart (Alemanha) com a associação alemã de mercados grossistas para promover os mercados de rua de alimentos frescos e planear eventos futuros!

20

No mundo da WUWM

22





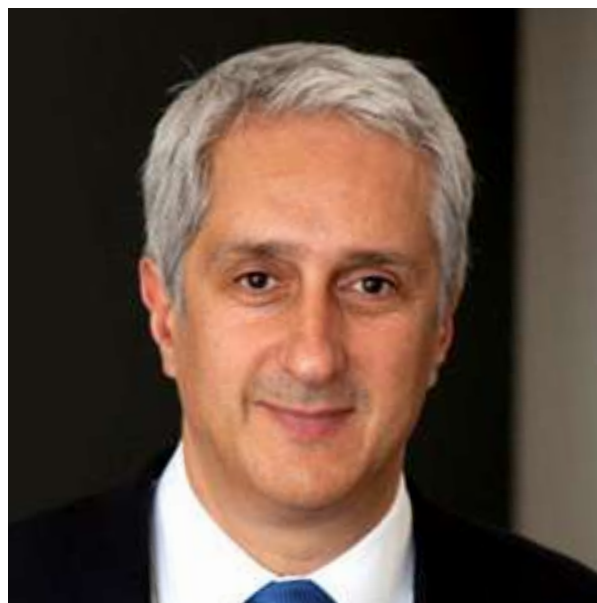
Numa palavra

Caros leitores,

Aproxima-se o mês de outubro, assim como a nossa conferência, que terá lugar de 19 a 21 de outubro em Abu Dhabi, sobre o tema «Segurança Alimentar Global no Século XXI: Riscos, Desafios e Soluções para Garantir um Fornecimento Alimentar Fresco Resiliente e Sustentável».

A conferência abordará os desafios mais prementes enfrentados pelos sistemas alimentares mundiais. A conferência reunirá os que estão no terreno, que entregam diariamente alimentos frescos a uma multidão de cidadãos em todo o mundo, com outros atores cruciais da cadeia - autoridades locais, nacionais e internacionais. Para além de fornecer uma visão geral da situação global da segurança alimentar, identificando fluxos e riscos, e avaliando os desafios do abastecimento alimentar no mundo pósCOVID-19, esperamos que esta conferência seja um ponto de viragem para o sector dos alimentos frescos com um claro compromisso de todos os atores da cadeia de valor de se empenharem numa rápida transformação do nosso sector no sentido da sustentabilidade e da resiliência.

A conferência WUWM em Abu Dhabi será de facto um momento crucial para conseguir que todos os atores-chave do nosso sector cooperem entre si, pois é evidente que nenhuma mudança é possível sem diálogo e alianças entre os diferentes atores da nossa indústria. Todas as nossas operações



precisam de ser repensadas de uma forma sistémica e restaurativa para assegurar uma melhor alimentação para todos. Para reforçar esta abordagem, orgulhamo-nos de ter oradores de alto nível como S.E. Mariam bint Mohammed Almheiri, Ministro das Alterações Climáticas e Ambiente dos Emiratos Árabes Unidos; o Diretor Geral da FAO, Qu Donguy; Maimunah Mohd Sharif, Diretora Executiva do UN-HABITAT; e muitos outros peritos de renome.

O objetivo será propor formas arrojadas e caminhos concretos para criar esta nova «arquitetura alimentar» sustentável, da exploração agrícola até à mesa, com melhores cadeias de abastecimento, melhor nutrição, melhor ambiente e uma vida melhor para todos, sem que ninguém fique para trás.

Convidamos todos os nossos membros, parceiros e partes interessadas a juntarem-se a nós!

Sinceramente,

Stephane Layani,
Presidente da WUWM

Em destaque:

«Não deixe NINGUÉM para trás»: Celebre connosco o Dia Mundial da Alimentação a 16 de outubro!

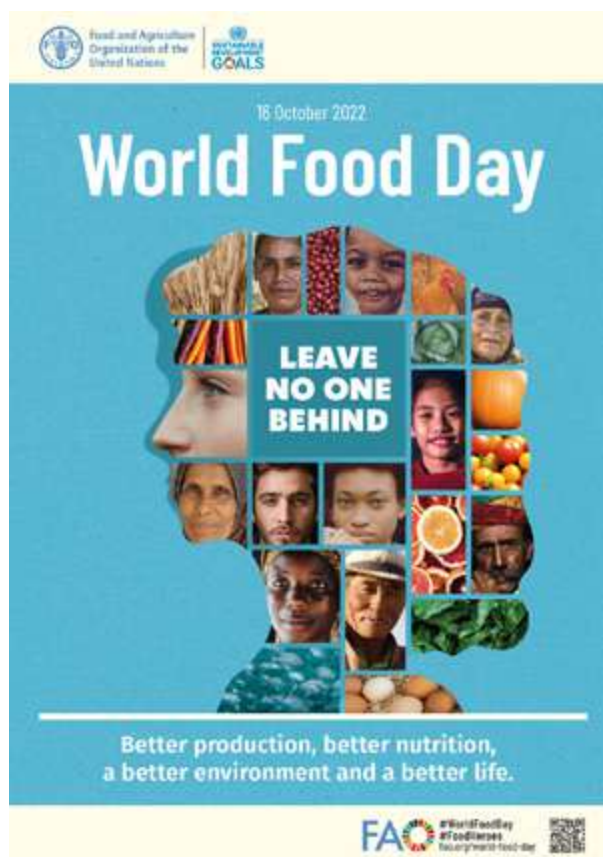
O Dia Mundial da Alimentação destinava-se originalmente a assinalar o dia em que a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) foi criada em 1945. O objetivo da celebração é a sensibilização para a fome, subnutrição, sustentabilidade e produção alimentar. A celebração do Dia Mundial da Alimentação ajuda a sensibilizar para a necessidade crítica de políticas alimentares e agrícolas, implementadas pelos governos de todo o mundo para garantir que há alimentos suficientes disponíveis para todos.

O dia é amplamente celebrado por muitas outras organizações preocupadas com a fome e a segurança alimentar, para além das Nações Unidas: incluindo o Programa Alimentar Mundial (PAM), a Organização Mundial de Saúde (OMS), e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola.

A ação coletiva em 150 países de todo o mundo é o que torna o Dia Mundial da Alimentação um dos dias mais celebrados do calendário da ONU. Centenas de eventos e atividades de sensibilização reúnem governos, empresas, OSC, os meios de comunicação social, o público e mesmo os jovens.

O tema deste ano para o Dia Mundial da Alimentação de 2022 é «Não deixar ninguém para trás». Em 2022, enfrentamos uma pandemia contínua, violência, um clima de aquecimento inexorável, inflação, aumento dos preços das matérias-primas e da energia e tensões internacionais. Tudo isto tem um impacto negativo na segurança alimentar global.

Neste contexto, é necessária uma ação urgente para criar um mundo onde todos, em qualquer lugar, tenham acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos. Ninguém deve ser deixado para trás.



De acordo com o Programa Alimentar Mundial (PAM) das Nações Unidas, as famílias das economias emergentes gastam em média 25% do seu orçamento em alimentos - até 40% na África Subsaariana e 60% no Haiti. O aumento da inflação deixa as famílias desesperadas e perpetua o ciclo de pobreza de uma geração para outra, especialmente nas zonas rurais. Além disso, 276 milhões de pessoas enfrentam uma grave insegurança alimentar, com um aumento de 25% na fome aguda desde que a Rússia invadiu a Ucrânia.

Outras estatísticas recentes da FAO mostram que atualmente:

- Quase 40% da população mundial não se pode permitir uma dieta saudável.
- 2 milhões de pessoas são obesas ou têm excesso de peso devido a uma dieta pobre e a estilos de vida sedentários.
- Os sistemas alimentares do mundo são responsáveis por mais de 33% das emissões globais de gases com efeito de estufa.
- 15% dos alimentos do mundo são perdidos devido à colheita, manuseamento, armazenamento e trânsito inadequados, e 17% são desperdiçados a nível do consumidor.





- Os sistemas agroalimentares do mundo empregam mais de mil milhões de pessoas, mais do que qualquer outro sector.

- Mais de 80% das pessoas em extrema pobreza vivem em zonas rurais e muitas dependem da agricultura e dos recursos naturais para a sua subsistência. São geralmente os mais duramente atingidos por catástrofes naturais e provocadas pelo homem e são frequentemente marginalizados devido ao seu género, etnia ou estatuto. Lutam para ter acesso à formação, finanças, inovação e tecnologia.

A FAO apela a uma ação urgente para assegurar sistemas agroalimentares sustentáveis em que todos tenham acesso a uma gama diversificada de alimentos acessíveis, nutritivos e seguros, e em que ninguém passe fome ou seja subnutrido de forma alguma.

4

Os sistemas agroalimentares sustentáveis podem garantir a segurança alimentar e nutricional para as gerações futuras sem pôr em risco a economia, a sociedade ou o ambiente. Em última análise, levam a métodos de produção mais eficazes e eficientes, a uma melhor nutrição e a um ambiente mais saudável para todos.

Neste novo mundo pósCOVID-19, é evidente que é necessária imediatamente uma abordagem diferente. A pandemia não só tornou mais difícil para os agricultores - que já enfrentam a variabilidade e incerteza climática - vender as suas culturas, como também aumentou a pobreza nas cidades, levando cada vez mais pessoas a depender dos bancos alimentares. Há necessidade de investir em sistemas agroalimentares eficientes e regenerativos capazes de alimentar 10 mil milhões de pessoas até 2050.

“Juntos podemos transformar os sistemas agroalimentares e construir melhor o futuro através da implementação de soluções sustentáveis e sistémicas.”

A WUWM orgulha-se de participar neste dia e de promover cadeias de valor eficientes e sustentáveis para alimentos frescos. O acesso a alimentos saudáveis deve ser um direito de todos. Acreditamos que um ambiente alimentar saudável e sustentável requer uma infraestrutura adequada capaz de suportar grandes volumes de abastecimento diário para todos num mundo altamente organizado. Neste contexto, acreditamos que os mercados grossistas modernos de produtos frescos estão no centro desta nova abordagem da segurança alimentar, uma vez que são os principais fornecedores de alimentos frescos, de qualidade e sazonais aos cidadãos de todo o mundo. Muitas vezes, as infraestruturas públicas (o que é o caso de mais de 90% dos mercados grossistas mundiais) são o braço operacional dos governos para assegurar um melhor fornecimento de alimentos frescos. Também têm o potencial de se tornarem a pedra angular da reterritorialização e transformação sustentável dos sistemas alimentares locais. Ao estruturar e proporcionar transparência ao mercado, as infraestruturas desempenham um papel crucial para assegurar a comercialização dos produtos aos agricultores rurais, promovendo a estabilidade dos preços e reduzindo o desperdício alimentar ao longo da cadeia. Em última análise, os mercados grossistas reduzem os preços para os consumidores e ajudam a tornar os produtos frescos mais acessíveis às famílias pobres.

Juntos, podemos transformar os sistemas agroalimentares e construir melhor o futuro através da implementação de soluções sustentáveis e sistémicas que abordem o desenvolvimento a longo prazo, o crescimento económico inclusivo e uma maior resiliência.

É tempo de trabalhar em conjunto e criar um futuro melhor e mais sustentável para todos. Faça do #WorldFoodDay o seu dia. Junte-se à chamada organizando um evento ou atividade ou mostre como está a agir, ligando-se a nós online!

Envolvido:

**A WUWM coorganizou com a Eurocities, um webinar com sobre «Cidades e mercados grossistas - Oportunidades de colaboração sobre sustentabilidade e acessibilidade alimentar»:
Encontre aqui os principais resultados!**

A WUWM coorganizou com a Eurocities, o Pacto Urbano de Milão e a iniciativa Food Trails da União Europeia um workshop de alto nível com vários representantes de cidades europeias e mercados grossistas no dia 26 de setembro. O título do seminário foi «Cidades e Mercados Grossistas - Oportunidades de colaboração sobre sustentabilidade alimentar e acessibilidade a dietas saudáveis». O objetivo do seminário era apresentar boas práticas de cooperação entre os mercados grossistas e as cidades. A ideia é destacar as colaborações múltiplas e intersectoriais que as cidades podem fomentar com os mercados grossistas, a fim de alcançar os objetivos da cidade em termos de melhor acessibilidade a dietas saudáveis, melhor nutrição, melhor logística, economia circular e um sector mais verde.

Durante a reunião, os peritos mostraram a forte relação entre os mercados grossistas e as cidades e como é vital promover esta relação para beneficiar de todo o potencial que ela pode criar. Vários exemplos concretos de três dos principais mercados grossistas da Europa foram apresentados sobre diferentes temas de política urbana:

O mercado grossista de Roma apresentou um projeto para evitar perdas e desperdícios alimentares, «Frutta che Frutta non Spreca», uma iniciativa concreta para reduzir os desperdícios alimentares através da recuperação de frutos excedentários. CAR está a construir uma instalação de processamento no local para processar e preservar fruta fresca sob a forma de purés e compotas esmagadas. Este procedimento alarga o prazo de validade destes produtos de 1 semana para 6 meses e ajuda as pessoas pobres a terem acesso a alimentos

mais saudáveis - uma vez que estas latas são distribuídas a preços muito baixos em lojas especiais «solidárias» em redor de Roma.

Um segundo caso de colaboração entre a cidade e o mercado grossista foi apresentado por Mercamadrid, que apresentou duas melhores práticas: A primeira diz respeito à cooperação com a Câmara Municipal de Madrid para promover a mobilidade sustentável, eficiente e interligada com o objetivo de descarbonizar o transporte de mercadorias para a mobilidade elétrica. Juntos estão a desenvolver-se: 200 estações de carregamento para veículos elétricos como o camião «Volta zero», que é o primeiro camião elétrico no mercado! Centrais de hidrogénio para criar energia através da energia solar e da água de Madrid para alimentar veículos pesados como camiões ou autocarros, e frotas de veículos com emissões zero.



O segundo projeto é sobre educação sobre o sistema alimentar e alimentação saudável. A Câmara Municipal de Madrid traz crianças das escolas ao Mercamadrid para sensibilizar as crianças para a forma como a cadeia alimentar funciona numa perspetiva sustentável.

A terceira boa prática foi apresentada pelo Mercado de Rungis em Paris. O projeto chama-se «Agoralim» e está programado para ser concluído dentro de 10/15 anos. Faz parte da satisfação das necessidades alimentares de Paris e arredores, que têm mais de 18 milhões de habitantes. O objetivo do projeto é criar um ambiente alimentar sustentável que possa fornecer aos cidadãos uma alimentação local mais rica, mais barata e mais fresca. Um ponto-chave é a reterritorialização das cadeias de abastecimento alimentar através do reforço da relação entre agricultores e consumidores. Agoralim ajudará os agricultores locais a transformarem-se efetivamente em agricultura sustentável, fornecendo 100 hectares de terras agrícolas e apoio financeiro e técnico. Várias cidades estão envolvidas em Agoralim juntamente com outros atores importantes (agricultores, associações, retalhistas, etc.). Este é um claro exemplo de compromisso entre as cidades e os mercados grossistas para apoiar a transição dos sistemas alimentares em projetos concretos.

Durante muito tempo, as cidades não foram consideradas atores importantes em termos de políticas alimentares, principalmente porque os alimentos são normalmente produzidos nas zonas rurais. Contudo, a pandemia da COVID-19 e outros eventos importantes voltaram a colocar sobre a mesa a importância do envolvimento das cidades nas políticas alimentares e o papel que as autoridades locais podem desempenhar no desenvolvimento de sistemas alimentares sustentáveis. Além disso, quando as cidades não colaboram com os mercados grossistas, podem desenvolver políticas que são então difíceis de seguir para o sector. O reforço da colaboração pode conduzir a uma maior eficiência em termos de logística mais eficiente e amiga do ambiente, aprovisionamento alimentar, promoção da agricultura local, educação das crianças para uma alimentação saudável, redução do desperdício alimentar, apoio aos bancos alimentares e criação de novas fontes de energia (biogás, painéis solares, etc.).



“Durante a reunião, os peritos mostraram a forte relação entre os mercados grossistas e as cidades e como é vital promover esta relação para beneficiar de todo o potencial que ela pode criar”

Na WUWM, queremos apoiar e facilitar a cooperação entre cidades e mercados grossistas, pois acreditamos que esta colaboração é essencial para garantir a segurança alimentar e os ODM nas cidades. Esperamos reforçar a nossa relação com a Eurocities e outras organizações urbanas que partilham os nossos valores de melhores políticas alimentares e mais sustentabilidade nas cidades!

Em factos:

- Quase 40% da população mundial não se pode dar ao luxo de comer alimentos saudáveis.
- De acordo com o Global Food Crisis Report 2022 - Mid-Year Update, o número de pessoas em crise alimentar ou desnutrição deverá atingir 205,1 milhões em 45 dos 53 países/territórios. O maior número de pessoas em situação de insegurança alimentar aguda na história da CFPC.
- A pobreza e a seca são as causas mais comuns de escassez alimentar no mundo.
- A agricultura é responsável por cerca de 23% das emissões de gases com efeito de estufa produzidos pelo homem e utiliza até 92% da água doce do mundo.
- De acordo com o Fórum Económico Mundial, a redução dos resíduos alimentares é a terceira forma mais eficaz de combater as alterações climáticas.
- Quase metade de toda a fruta e legumes produzidos são desperdiçados em todo o mundo (UNEP).
- A falta de tecnologia e de infraestruturas é a principal causa de desperdício alimentar em África, ao contrário dos resíduos alimentares domésticos no mundo desenvolvido.
- Os sistemas agroalimentares do mundo empregam mais de mil milhões de pessoas, mais do que qualquer outro sector.
- A agricultura está entre os sectores menos penetrados em termos de digitalização e aplicação da tecnologia digital. No entanto, muitos estudos demonstraram que a tecnologia pode ajudar a transformar o sistema global de produção alimentar e a mitigar o seu impacto no clima e no ambiente.

“Quase metade de toda a fruta e legumes produzidos são desperdiçados em todo o mundo.”



Em foco:

#WUWM2022, promover a cooperação para alcançar o ODS 12.3: Só a inovação e o investimento em melhores cadeias de abastecimento alimentar podem evitar que o desperdício alimentar se agrave.

8

Todos os anos, o mundo produz mais alimentos do que os que consome. No entanto, de acordo com um estudo recente do Programa das Nações Unidas para o Ambiente, 40% de todos os alimentos frescos são desperdiçados antes de chegarem às nossas mesas. Atualmente, quase metade de toda a fruta e legumes produzidos são desperdiçados.

Com vista a alcançar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12.3 (reduzir para metade os resíduos alimentares per capita a nível mundial a retalho e do consumidor e reduzir as perdas alimentares ao longo das cadeias de produção e abastecimento, incluindo as perdas pós-colheita) até 2030, os peritos da indústria apelam a «cadeias de abastecimento mais inteligentes» que adotem iniciativas a nível da indústria para eliminar os riscos do sistema atual. Aconselham a indústria a adotar uma abordagem nova e mais inovadora das cadeias de abastecimento, que as vê mais como um ecossistema onde cada participante otimiza o seu papel e implementa as tecnologias, processos e metodologias necessárias.



Neste sentido, apelam à adoção de uma abordagem de «cadeia de abastecimento viva».

O conceito de uma 'cadeia de abastecimento viva' plenamente funcional não está longe, mas só pode tornar-se realidade quando todos os participantes - produtores, fabricantes, distribuidores, grossistas, retalhistas e consumidores - forem capazes de fornecer dados em tempo real», disse o Dr. Chris Mejía, investigador do Centro de Transportes e Logística do MIT e diretor e fundador do Laboratório de Operações de Alimentação e Retalho do MIT, que falará na conferência WUWM.

«É verdade que cadeias globais de abastecimento alimentar mais sofisticadas requerem maiores infraestruturas e formação, precisamos de começar a construí-las agora», acrescentou.

“Os peritos no terreno apelam a «cadeias de fornecimento mais inteligentes» que adotem iniciativas a nível da indústria para eliminar os riscos do sistema atual!”

A conferência examinará algumas das melhores práticas utilizadas nos mercados globais. Por exemplo, o Mercado Grossista de Rungis criou a sua própria incubadora de empresas, Rungis&Co, para permitir aos empresários e às novas empresas testar soluções e serviços inovadores de abastecimento alimentar. Benoit Juster, diretor executivo de operações no Mercado Grossista de Rungis, diz: «Os mercados grossistas precisam de apoiar a inovação no abastecimento alimentar para desenvolver soluções locais que satisfaçam as necessidades das suas comunidades».

9

A conferência mostrará também alguns dos principais projetos e políticas que estão a ser levados a cabo na região para apoiar a melhoria das cadeias alimentares. Tal como a ambiciosa Estratégia de Segurança Alimentar dos EAU, que visa fazer dos EAU o melhor país do mundo em matéria de segurança alimentar até 2051 e entre os dez melhores países até 2021. A meta é atingir o objetivo de se tornar o país mais seguro do mundo em termos alimentares até 2051 e um dos 10 principais países até 2021, desenvolver um sistema nacional abrangente baseado na produção alimentar sustentável através da utilização de tecnologias modernas, reforçar a produção local, desenvolver parcerias internacionais para diversificar as

fontes alimentares, ativar legislação e políticas que contribuam para uma melhor nutrição, e iniciar legislação e políticas para reduzir o desperdício. Isto mostra a importância de mobilizar os governos e de pôr em prática políticas alimentares ambiciosas para apoiar a transição dos sistemas alimentares a nível local. A iniciativa dos Portos de Abu Dhabi também será destacada: a empresa anunciou que está a desenvolver um dos maiores centros de comércio e logística alimentar da região em KIZAD, em parceria com o Grupo Ghassan Aboud. Um exemplo claro de mobilização e empenho do sector privado.

Stéphane Layani, Presidente da WUWM, disse: «Agora é o momento de agir, agora é o momento de tomar medidas ousadas para introduzir medidas que permitam a todos os intervenientes da indústria na cadeia de abastecimento de alimentos vivos evitar riscos desnecessários e trazer maior eficiência. Esta conferência abordará os riscos na cadeia de abastecimento, mas também as muitas e excitantes oportunidades para uma maior cooperação como uma indústria global de importância vital.



Entrevista

com Abdullah Al Hameli, Diretor Geral das Cidades Económicas e Zonas Livres, Grupo dos Portos de Abu Dhabi, na conferência #WUWM2022.

Dado que a WUWM realiza a sua conferência anual dentro de algumas semanas nos EAU, temos o prazer de partilhar com os nossos leitores uma entrevista perspicaz com Abdullah Al Hameli, CEO das Cidades Económicas e Zonas Livres nos Portos de Abu Dhabi, que explica porque é que ele acredita que esta conferência desempenharia um papel na procura de soluções e na atenuação das possibilidades de uma crise alimentar.

Sr. Abdullah Al Hameli, porque pensa que esta conferência poderia desempenhar um papel na procura de soluções e na atenuação da possibilidade de uma crise alimentar?

De certa forma, já existe uma crise alimentar no mundo. A Assembleia Geral da ONU alertou para uma onda crescente de fome e subnutrição. Devido a fatores como a pandemia da COVID-19, as alterações climáticas e os conflitos internacionais, quase mil milhões de pessoas passarão fome até 2021. Somos afortunados nos EAU por termos uma liderança visionária que antecipou estes problemas e desenvolveu uma estratégia abrangente de segurança alimentar, centrada em tecnologias modernas e na melhoria da produção local para assegurar a produção sustentável de alimentos frescos.

Contudo, os desafios fundamentais do abastecimento alimentar sustentável exigem uma colaboração global entre produtores e distribuidores de alimentos, para que possamos reduzir as perdas alimentares, aumentar a resiliência da cadeia de abastecimento e promover a inovação e as ferramentas digitais para garantir a segurança alimentar. É por isso que o Grupo AD Ports está a organizar este ano a conferência WUWM em Abu Dhabi. A partilha de inovações, melhores práticas e novas abordagens permitir-nos-á mitigar o impacto da crise atual e evitar futuras ruturas nas cadeias de abastecimento alimentar.



Esta é a primeira vez que um país do MENA acolhe uma conferência WUWM. Porque pensa que esta conferência poderia ter impacto na região?

Historicamente, a região MENA tem estado excecionalmente dependente das importações de alimentos, com cerca de 50% dos alimentos importados para a região. Há também uma dependência excessiva de alimentos processados, com dietas sem fruta e vegetais frescos suficientes, o que leva à obesidade e outros problemas de saúde.

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) e a região mais vasta estão a tomar medidas pró-ativas para reduzir esta dependência. Por exemplo, a ADAFSA está a lançar várias iniciativas que visam estimular a produção local e melhorar o acesso ao mercado e a competitividade dos produtos locais. Estas iniciativas visam também encorajar as indústrias de apoio alimentar e agrícola. Em fevereiro de 2022, o Grupo AD Ports anunciou o lançamento do «Abu Dhabi Food Hub - KEZAD», em parceria com o Grupo Ghassan Aboud, que abrangerá uma área total de 3,3 milhões de m² e incluirá áreas de mercado, áreas de negócios complementares, armazenagem frigorífica industrial, logística, gestão de resíduos e instalações de tratamento de água.

Portanto, é a altura certa para acolher a WUWM na região. Esperamos aprender com os mercados grossistas globais e partilhar as lições que aprendemos com a intensa atividade dos últimos anos.

Os Emirados Árabes Unidos pretendem tornar-se um dos países líderes em termos de segurança alimentar. Pode dizer-nos como é que o seu país chegou a este objetivo? Quais são os passos que planeia desenvolver para alcançar este objetivo? Em que medida é que a estruturação do abastecimento alimentar através de um centro alimentar o ajudaria a atingir este objetivo?

Ao lançar a Estratégia Nacional de Segurança Alimentar 2051, os EAU pretendem alcançar a segurança alimentar para todos, garantindo o acesso a alimentos seguros, nutritivos e suficientes durante todo o ano. A estratégia visa especificamente implementar práticas agrícolas resilientes que aumentem a produtividade e a produção, e ajudem a manter os ecossistemas.

Para o Centro Alimentar, a investigação mostra que mercados grossistas mais eficientes, e mercados urbanos mais generalizados, permitem que os alimentos cheguem a todos de forma mais acessível, reduzem o desperdício e aumentam a diversidade das dietas das pessoas. Vemos um enorme potencial para o Abu Dhabi Food Hub - KEZAD para aumentar o acesso aos alimentos na região e contribuir para a estratégia nacional de segurança alimentar.

É interessante notar que estamos a exportar os nossos conhecimentos nesta área. Para além do centro alimentar Abu Dhabi - KEZAD, o Grupo AD Ports está também a criar um centro integrado de armazenamento e distribuição alimentar no Uzbequistão para melhorar o comércio alimentar do Uzbequistão nos mercados globais e aumentar a segurança alimentar na Ásia Central.



“O principal objetivo da conferência é encontrar formas de proporcionar às comunidades dietas equilibradas, saudáveis e nutritivas, e superar os atuais desafios que limitam o acesso de uma parte significativa da população mundial.”

Os EAU costumavam importar 80% dos alimentos consumidos. A pandemia de Covid-19 mostrou a necessidade de deslocalizar a cadeia de abastecimento para proporcionar mais resiliência em termos de instabilidade externa ou internacional. No entanto, a sua região é particularmente árida e quente para a produção de alimentos. Que papel pensa que a inovação pode desempenhar na superação destes desafios?

A inovação é um instrumento crucial para promover a segurança alimentar. Nos EAU, cada componente de um grande sistema de abastecimento alimentar está a ser digitalizado, e estamos a assistir a um rápido crescimento no mercado da agrotecnologia, impulsionado pela crescente procura de uma maior produtividade e cultivo de culturas.

O princípio fundamental da transformação digital é substituir processos analógicos desatualizados por tecnologia moderna e totalmente integrada. Plataformas alimentares digitais podem integrar-se com sensores inteligentes, balanças, contadores e termómetros para efetuar automaticamente leituras que monitorizam a qualidade do produto e a eficiência do processo.

Para apoiar a inovação, estamos a adotar uma abordagem multiagências a este desafio. A par da estratégia nacional de segurança alimentar, estamos a colocar tecnologias avançadas e soluções da quarta revolução industrial no centro da nossa estratégia.



Uma das especificidades do seu modelo é o envolvimento de um dos maiores operadores logísticos, os portos AD, no desenvolvimento deste pólo alimentar regional. Em que medida pensa que o porto acrescenta valor à estrutura do mercado grossista tradicional?

Uma forte oferta logística pode desempenhar um papel fundamental na acessibilidade e na estrutura de custos das cadeias de abastecimento alimentar. Com as suas capacidades de águas profundas, localização estratégica e acesso a uma extensa rede rodoviária, aérea e ferroviária, o Porto de Khalifa facilita a circulação de produtos, o que contribui para a abundância e competitividade dos alimentos na região.

Além disso, o AD Ports Group tem recursos significativos em cidades económicas e zonas francas, incluindo o recentemente lançado KLP21, que é um dos maiores e mais avançados centros logísticos com temperatura controlada na região. Oferecemos um ecossistema ideal para produtores de alimentos e empresas tecnológicas.

“O abastecimento alimentar sustentável requer uma colaboração global entre produtores e distribuidores alimentares, para que possamos reduzir as perdas alimentares, aumentar a resiliência da cadeia de abastecimento e promover a inovação e as ferramentas digitais para garantir a segurança alimentar.”



O que podem os participantes da conferência esperar do evento?

O principal objetivo da conferência é encontrar formas de proporcionar às comunidades dietas equilibradas, saudáveis e nutritivas, e superar os atuais desafios que limitam o acesso de uma parte significativa da população mundial.

Representantes dos principais intervenientes que moldam os sistemas alimentares, desde agências governamentais a produtores de alimentos, autoridades do mercado grossista, bancos alimentares, logísticos e peritos académicos, estarão presentes para discutir estas questões críticas.

Entre os oradores confirmados encontram-se S.E. Mariam bint Mohammed Almheiri, Ministro das Alterações Climáticas e Ambiente dos Emiratos Árabes Unidos; S.E. Saeed Al Bahri Salem Al Ameri, Diretor-geral da Autoridade de Abu Dhabi para a Agricultura e Segurança Alimentar (ADAFSA); Graham Sanders, CEO do Abu Dhabi Food Hub (KEZAD); Stéphane Layani, Presidente da WUWM, Presidente e CEO Do Mercado Grossista de Rungis; e Pierre Levy, CEO e cofundador da Califrais.

Ao reunir as principais partes interessadas em Abu Dhabi, seremos capazes de abordar ativamente as questões atuais e ansiamos por um futuro mais estável e seguro em termos alimentares.



Entrevista

**com Delphine Acloque (PhD),
uma perita renovada em
sistemas alimentares nos
países MENA.**

13

Tendo em vista a próxima conferência, tivemos o prazer de entrevistar Delphine Acloque, especialista e investigadora renovada sobre sistemas alimentares nos países MENA, que partilhou connosco as suas opiniões sobre os principais desafios em termos de segurança alimentar, inovação, cadeias agroalimentares na região MENA, bem como as «boas receitas» que esta região árida poderia partilhar com outros países do mundo que enfrentam condições climáticas cada vez mais extremas em termos de agricultura e sustentabilidade.

Pode dizer-nos em algumas linhas quais são as características específicas dos sistemas na região MENA? Quais considera serem os principais desafios de segurança alimentar que a região enfrenta atualmente?

A região MENA está muito preocupada com a segurança alimentar das suas populações num contexto de inflação de preços e de desestabilização do comércio mundial. No entanto, o risco alimentar não é novo na região, que sofreu motins alimentares em 2008 e depois as revoluções da «Primavera Árabe», que tinham uma componente alimentar inegável. Os países

do Norte de África e do Médio Oriente enfrentam quatro grandes desafios para assegurar o acesso a alimentos suficientes em quantidade e qualidade.

- O primeiro desafio é ambiental. Dominados por um clima árido e uma quantidade limitada de terra arável e de água doce, os países da região são confrontados com os desafios da sobre-exploração dos recursos, e mais amplamente com os riscos das alterações climáticas: salinização da terra e dos lençóis freáticos, secas ou, inversamente, inundações devastadoras.

- O segundo desafio é demográfico, com um crescimento de mais de 3% em vários países da região, e urbano. As cidades da região atraem populações rurais, mas também imigrantes, que estão na sua maioria na maior parte das metrópoles do Golfo. Se o maior desafio é fornecer as megacidades em rápida expansão, tais como Cairo, Teerão ou Istambul, é também uma questão de satisfazer as novas necessidades de uma classe média de habitantes das cidades secundárias. Procuram cada vez mais produtos diversificados e saudáveis, de fácil acesso e rápidos a cozinhar ou a comer.

- O terceiro desafio é comercial e logístico: a maioria dos países MENA são extremamente dependentes das importações e, portanto, de fontes externas de abastecimento. É o caso dos produtos básicos (trigo, arroz, açúcar, óleo), mas também dos produtos da indústria alimentar. Cerca de 50% dos alimentos são importados em toda a região, e esta percentagem atinge níveis muito elevados nos Emirados Árabes Unidos (EAU), que dependem das importações para mais de 80%, Qatar (90%) e Kuwait (mais de 95%). O desafio é assegurar a logística alimentar para evitar ruturas de abastecimento, desenvolvendo ao mesmo tempo capacidades e condições de armazenamento, muitas vezes limitadas ou deficientes.

“A região MENA está muito preocupada com a segurança alimentar das suas populações no contexto da inflação dos preços e da desestabilização do comércio mundial.”

- O quarto desafio é geopolítico: a região MENA é o cenário de múltiplas tensões e rivalidades, sejam elas militares, político-religiosas, fronteiriças ou relacionadas com a água. Estes conflitos têm repercussões no fornecimento e disponibilidade de alimentos para as populações, como no caso da fome no Iémen ou da queda na produção agrícola no norte da Síria. O bloqueio do Qatar entre 2017 e 2021 foi um indicador chave da combinação de riscos geopolíticos e alimentares.

É também importante destacar a grande disparidade nas situações nacionais, com lacunas extremamente grandes na riqueza e na população. Enquanto o Qatar tem o PIB mais elevado do mundo para uma população de menos de 3 milhões, o Egipto tem de alimentar uma população de 100 milhões num contexto de grande fragilidade económica. A fim de avaliar e comparar a segurança alimentar dos diferentes países do planeta, o Índice Global de Segurança Alimentar, desenvolvido pela Economist Impact, tem em conta diferentes critérios: acessibilidade financeira, disponibilidade, qualidade e segurança dos alimentos, recursos naturais e resiliência. No ranking de 2022, a região MENA inclui os países mais afetados pela insegurança alimentar: Síria (113º) e Iémen (111º), mas também os países que estão em constante ascensão no ranking. Este é o caso de Israel e dos EAU, respetivamente na 23ª e 24ª posições, que visam alcançar as primeiras posições até 2050.

14

“A reforma do mercado é um grande desafio para muitos países da região.”

Poderia também partilhar conosco algumas das «boas práticas» que observou (por exemplo, o plano de segurança alimentar da EAU = diversificação e produção local para reduzir a dependência extrema das importações)?

Na região MENA, a segurança alimentar e a segurança da água são duas faces da mesma moeda e as boas práticas são encontradas na combinação destes dois componentes. A maioria dos países da região colocou as questões alimentares e agrícolas no centro das suas estratégias nacionais de desenvolvimento para 2030 ou 2050. Todas estas estratégias insistem na necessidade de encontrar soluções para os riscos da água e as limitações ambientais. O caso do Egipto é aqui muito interessante, uma vez que a segurança alimentar da população egípcia requer necessariamente soluções hidroagrícolas. Enquanto o país procura fontes alternativas de água para o Nilo, foram feitos investimentos recentes no tratamento de águas residuais para fins agrícolas. O Egipto está também a aumentar as suas iniciativas comerciais com a Ásia, Europa e África para diversificar os seus canais de abastecimento, procurando simultaneamente modernizar as suas infraestruturas de armazenamento, o que é essencial para assegurar o seu abastecimento.

Entre as práticas mais promissoras, a aquacultura está em plena expansão na região. O sector ajuda a melhorar a autossuficiência alimentar e a segurança através do fornecimento de proteínas, mas também proporciona emprego e rendimentos nas zonas rurais onde as oportunidades são limitadas. As pisciculturas egípcias cresceram muito rapidamente, sendo responsáveis por 92% da produção MENA. A Arábia Saudita vem em segundo lugar com 4,2% da produção. Embora a produção aquícola tenha sido até agora destinada aos mercados domésticos, frequentemente com uma falta de eficiência da cadeia de frio e um sistema de mercado pouco claro, a promoção da aquicultura está a acelerar a transformação do sector. A Arábia Saudita exporta camarão de alta qualidade para os mercados mundiais e vários países procuram investir em infraestruturas e processos de exportação. A curto e médio prazo, pode prever-se a emergência de mercados grossistas associados a áreas industriais de transformação de peixe, o que posicionaria a região MENA no mapa global das principais rotas e hubs de marisco e aquacultura.





A região MENA, com um clima particularmente seco, pode ter «receitas» que prefiguram uma situação para o sector agroalimentar que as alterações climáticas irão estender-se a outras regiões do mundo: quais são as lições que poderiam ser aprendidas para outras regiões?

Entre as receitas mais antigas, desenvolvidas por populações camponesas, está naturalmente a escolha de culturas adaptadas ao clima. Este é o caso do trigo duro, azeitonas ou tâmaras, que fazem parte das dietas tradicionais do Norte de África e do Próximo Oriente. No entanto, nas últimas décadas assistiu-se ao desenvolvimento de novas culturas, que muitas vezes consomem muito mais água. É o caso do trigo mole, do qual os países MENA são consumidores muito grandes, em ligação com os novos hábitos alimentares que agora favorecem o pão «ocidental». A globalização dos hábitos alimentares conduz ao seguinte dilema: como satisfazer a procura de produtos diversificados e globalizados, enquanto a perspetiva climática é muito pessimista e a dependência do mundo exterior constitui um grande risco?

Para resolver este dilema, muitas inovações tecnológicas e «soluções» estão a difundir-se. A irrigação gota-a-gota, inventada em Israel nos anos 60, espalhou-se por todos os países da região: fala-se de uma revolução gota-a-gota. As start-ups israelitas estão agora na vanguarda da agritech, permitindo ao país exercer um verdadeiro poder suave na região através da venda das suas tecnologias e da circulação de peritos e engenheiros israelitas em diferentes países da região. Para responder aos ambientes restritivos e à falta de terra arável, a hidropónica é uma grande inovação. Baseia-se numa cultura sem solo e pode ser acoplada (ou não) à agricultura vertical. Estas duas tecnologias estão a desenvolver-se muito rapidamente em Israel, nos Emirados Árabes Unidos e no Qatar. Estas

inovações baseiam-se num nível muito elevado de controlo das condições de crescimento: ar condicionado, luzes artificiais, fertilização na raiz. Nas cidades, as quintas verticais empilham culturas em vários andares, enquanto nas zonas rurais e desérticas, as estufas multiplicam-se. As culturas de alto valor (tomates, pepinos, saladas, ervas frescas) são favorecidas e são apenas acessíveis a uma pequena parte da população. Embora este modelo seja promissor, depara-se com limites financeiros, nutricionais e ambientais (água e energia) que dificultam a sua disseminação em países economicamente frágeis, onde falta capacidade de investimento e pessoal qualificado.

Outra receita que está a ser experimentada na região para lidar com a salinização crescente e o risco de subida do nível do mar são as culturas tolerantes ao sal. No Dubai, o Centro Internacional de Agricultura Biossalina desenvolveu projetos-piloto baseados num modelo de economia circular: os resíduos de salmoura das fábricas de dessalinização são utilizados para a aquicultura e para a produção de plantas halófitas. Isto inclui parcelas de salicórnia, anteriormente desconhecidas na região MENA, mas cuja comercialização continua a ser muito incerta.

Qual é o papel atual dos mercados grossistas na região? Que papel pensa que podem desempenhar para assegurar a transição dos sistemas alimentares para a sustentabilidade e a resiliência e sob que condições?

Os mercados grossistas na região MENA são muito diversos: existem mercados recentes e modernos como o Mercado Central do Dubai (inaugurado em 2004 e expandido para responder ao crescimento muito rápido do mercado de frutas e legumes), mas também muitos mercados que não estão adaptados aos requisitos sanitários e logísticos contemporâneos. Este é particularmente o caso nas cidades secundárias, onde os mercados grossistas, ainda frequentemente localizados nos centros das cidades, carecem de instalações de armazenamento refrigerado e enfrentam perdas diárias de alimentos muito elevadas. Muitos mercados da região enfrentam uma série de problemas: higiene deficiente, quadros regulamentares inadequados, transações informais, um número crescente de intermediários e uma falta de normalização e transparência de preços. Há muitos planos de reforma, mas são abrandados por interesses concorrentes e questões políticas complexas. Tomando o exemplo dos mercados grossistas de Marrocos, um projeto de lei foi finalmente aprovado no Verão de 2021, após uma década de tensão e controvérsia. O seu objetivo é reformar a lei de 1962, dando aos mercados o monopólio da oferta urbana. A reforma foi criticada em particular pelas elites políticas locais, que veem os mercados como uma fonte de receitas fiscais.

Os mercados grossistas na região MENA também sofrem da concorrência de outros segmentos comerciais. Os grandes supermercados e hipermercados, que têm crescido rapidamente desde 1990-2000, tendem a contratar diretamente com os produtores. Seleccionam as dimensões e qualidades desejadas, o que enfraquece o funcionamento dos mercados grossistas. É o caso do Egito, onde frutas e legumes de alta qualidade não passam (ou só excepcionalmente) pelos mercados grossistas. Muitas agências de desenvolvimento e parceiros internacionais estão a trabalhar com governos da região para modernizar e expandir as missões dos mercados grossistas para atrair novos clientes e reafirmar o seu papel. O objetivo é também avançar para o comércio eletrónico, embora este continue a ser da competência de uma minoria de países da região.

A reforma do mercado é, portanto, um grande desafio para muitos países da região. No entanto, estas medidas devem basear-se num entendimento detalhado dos territórios e atores que vivem no mercado e através dele. Como os antropólogos demonstraram, os mercados grossistas são 'espaços de recursos' vitais para as populações precárias das grandes cidades da região. Isto é ilustrado pelo mercado grossista em Beirute, localizado ao lado de uma favela, onde se concentram as populações sírias que chegaram em massa com a guerra na Síria. Estas pessoas extremamente vulneráveis sobrevivem dia após dia graças à atividade do mercado: as mulheres recolhem bens não vendidos e os homens trabalham como trabalhadores diurnos.





É também um especialista em logística de sistemas alimentares. Poderia partilhar os seus pontos de vista sobre o caminho que os países devem seguir para assegurar uma melhor logística no sector dos alimentos frescos?

17

Os países da região são particularmente ativos no desenvolvimento das suas infraestruturas agro-logísticas. Isto é evidenciado pelos enormes investimentos feitos para expandir os portos, modernizá-los e aumentar a capacidade de armazenamento refrigerado. Desde o final dos anos 2000, os EAU têm vindo a seguir estratégias muito ambiciosas em termos de logística alimentar. O objetivo é assegurar a sua própria segurança alimentar, mas também reforçar a sua capacidade de influenciar a segurança dos outros. O Dubai Ports World, que controla muitos portos estratégicos e rotas alimentares, continua a tecer a sua teia através dos oceanos do mundo. O DPW é responsável pelo desenvolvimento do porto egípcio de Ain Sukhna no Mar Vermelho. Esta é uma grande abertura marítima localizada na interface entre o Canal de Suez a norte, o Cairo a oeste e os países do Corno de África a sul. Estes pólos agro-logísticos, essenciais para as cadeias de valor globais, contribuem para a influência geopolítica e geoeconómica dos EAU. Outro grande projeto que reflete a importância crescente das relações agrícolas com a Ásia é o estabelecimento de um corredor agroalimentar que liga o Médio Oriente à Índia. Este corredor deverá ligar as explorações agrícolas indianas aos portos e aos negócios agrícolas dos EAU nos próximos anos. Está também prevista a criação de uma plataforma para ligar os atores indianos e Emirados e a mobilização das tecnologias digitais através de parcerias com Israel. Mais amplamente, este corredor ilustra as estratégias para a diversificação do abastecimento alimentar na região MENA.

“Os países da região são particularmente ativos no desenvolvimento das suas infraestruturas agro-logísticas.”

Enquanto os canais de distribuição longos dominam para muitos produtos, as vendas diretas e as iniciativas locais de desenvolvimento de produtos também estão em curso. Por exemplo, os mercados e cestos de produtos frescos encomendados através da Internet surgiram nos últimos anos no Egito, no Magrebe e no Golfo. Estas iniciativas estão previstas para se expandirem para satisfazer as novas expectativas das classes médias e altas urbanas. Os países do Magrebe também embarcaram em iniciativas de indicação geográfica a fim de valorizar a ligação ao território de certos produtos.

O futuro dos alimentos na região implicará a coexistência e hibridação de modelos de produção e comercialização, a fim de satisfazer clientes com expectativas e capacidades de financiamento muito diferentes. É, portanto, a agilidade necessária dos atores da logística alimentar que deve ser encorajada para se posicionarem na interface entre o local e o global e em contacto com uma pluralidade de exigências económicas, sociais e culturais.

Boas práticas:

Peter Defranceschi, Diretor do ICLEI - Governos Locais para a Sustentabilidade - partilha connosco o «Plano Escolar da UE e o Manifesto sobre normas mínimas para cantinas públicas» que o ICLEI acaba de lançar!

18

ICLEI - Governos Locais para a Sustentabilidade é uma rede global de mais de 2500 governos locais e regionais empenhados no desenvolvimento urbano sustentável. Ativa em mais de 125 países, esforça-se por influenciar as políticas de sustentabilidade e estimular a ação local para um desenvolvimento de baixas emissões, baseado na natureza, equitativo, resiliente e circular.

Para este fim, o ICLEI trabalha em estreita colaboração com uma extensa rede de governos e parceiros locais e regionais numa vasta gama de questões, incluindo a transformação dos sistemas alimentares.

O ICLEI acaba de lançar uma petição para «uma refeição saudável para cada criança em cada escola». A petição faz parte da campanha «Comprar melhores alimentos» e contém uma proposta concreta para a implementação dos objetivos das estratégias Farm to Fork da União Europeia (UE) no que diz respeito ao abastecimento alimentar sustentável e ao currículo escolar da UE. A WUWM assinou esta petição e tem o prazer de partilhar com todos os nossos membros e leitores informações perspicazes sobre esta campanha, à qual esperamos que todos os nossos membros e parceiros também se juntem!



“Todas as crianças devem ter acesso a uma refeição saudável na escola e aprender de onde vêm os alimentos.”

Caro Peter, poderia partilhar com os nossos membros uma visão geral da campanha? Porque é que o ICLEI o lançou? Quais são os principais objetivos desta campanha?

A aquisição pública de alimentos sustentáveis pode parecer complexa para muitos, mas na realidade significa um grande impacto num prato pequeno! Com as condições certas, é possível ter a maioria dos objetivos de sustentabilidade num só prato - mais comida regional, saúde, cultura e ação contra as alterações climáticas.

Como cada vez mais pais se debatem com dificuldades em pagar os alimentos frescos, temos co-desenvolvido esta proposta muito concreta e simples para a Comissão Europeia implementar a estratégia Farm to Fork. Cada criança deve ter acesso a uma refeição saudável na escola e aprender de onde vem a comida. Com algumas refeições é difícil saber, e estamos a ver cada vez mais crianças a comerem menos de metade das suas refeições porque já não confiam no que nelas está dentro.

A campanha tem recebido muito apoio, pode dizer-nos como está a decorrer a campanha?

Atingimos mais de 6.000 assinaturas num curto espaço de tempo e atingimos mais pessoas do que provavelmente atingiremos em cinco anos! Chegámos a todos, desde a minha professora de tango, a famosos influenciadores até ao gabinete da Presidente da CE Ursula von der Leyen, que certamente concordará com a nossa petição, uma vez que ela tem sete filhos, um diploma de medicina e já foi ministra da família! Esperamos obter pelo menos 10.000 assinaturas até 11 de outubro, quando entregarmos a petição à Comissão Europeia numa conferência de imprensa na EURegionsWeek no Comité Europeu das Regiões. Mas admito que é um trabalho secundário difícil aumentar os números rapidamente!





A par da petição está o Manifesto sobre Normas Mínimas para Cantinas Públicas, um Manifesto para inspirar os decisores políticos sobre o que «comprar refeições saudáveis» poderia significar na prática. Pode dizer-nos mais sobre o Manifesto?

De facto, a petição é sobre «refeições saudáveis para cada criança em cada escola» e o Manifesto fornece objetivos concretos, critérios de concurso e meios de ação sobre o que poderiam ser «refeições saudáveis». O Manifesto concentra-se nos requisitos mínimos para as cantinas públicas e foi desenvolvido no seio da UE. O Manifesto foi redigido pela Coligação Europeia para a Política Alimentar e aprovado por juristas. Afinal, foi a própria Comissão Europeia que nos encorajou fortemente a prosseguir com as nossas ideias sobre a petição e o manifesto. O Manifesto visa inspirar a Comissão Europeia e os Estados-Membros da UE, bem como as autoridades públicas regionais e locais, com sete propostas concretas para estabelecer normas mínimas para as cantinas públicas na Europa.

Quais são os 7 critérios desenvolvidos no Manifesto?

O Manifesto de Compras Farm to Fork apresenta sete critérios obrigatórios (mínimos) e opcionais para as cantinas públicas nas seguintes áreas

1. Alimentação saudável
2. Produtos orgânicos e outros produtos agro-ecológicos
3. Apoio aos pequenos agricultores
4. Ação climática
5. Economia social e direitos laborais
6. Comércio justo
7. Normas de bem-estar animal

O Manifesto está atualmente a ser formatado e será depois amplamente promovido.

E porquê concentrar-se nas escolas?

A petição centra-se nas escolas porque acreditamos que fornecer uma refeição saudável a cada criança em cada escola é uma solução fácil para os decisores políticos, uma vez que tem muitos benefícios económicos e outros e assegura a igualdade de acesso a uma alimentação saudável. Estamos a coordenar o maior projeto europeu de aprovisionamento alimentar sustentável chamado SchoolFood4Change, estamos a coordenar o maior projeto da UE sobre aprovisionamento alimentar sustentável, que visa atingir mais de 600.000 crianças e jovens em mais de 3.000 escolas em 12 Estados Membros da UE. Isto será conseguido através de concursos inovadores, uma abordagem abrangente à alimentação escolar que vê as escolas como catalisadores de mudança no sistema alimentar urbano - e não apenas como um local onde as crianças são alimentadas - e, finalmente, através da capacitação dos cozinheiros e da concentração em dietas de saúde globais.

O Manifesto concentra-se mais geralmente nas cantinas públicas, incluindo hospitais, lares e outras cantinas públicas.

Como pensa que os mercados grossistas poderiam trabalhar com as cidades para ajudar a alcançar os objetivos da campanha?

Que melhor forma de reconectar crianças e jovens à cultura alimentar do que levá-los aos produtores e mercados grossistas onde podem aprender tanto? A sustentabilidade tem muito a ver com diversidade, alimentos frescos, fruta e legumes.

Podemos aprender com os seus exemplos de boas práticas, tais como em Madrid, onde o governo regional assegura que fruta e legumes saudáveis, frescos e locais sejam comprados a grossistas locais em Mercamadrid para cantinas escolares e eventos escolares, para que as crianças tenham uma dieta saudável e nutritiva.

Gostaríamos de explorar consigo como a cadeia de refrigeração e armazenamento poderia ser melhorada para evitar perdas e desperdícios alimentares nas cidades. Além disso, o meu colega no nosso escritório da Índia disse-me recentemente que está muito interessado em ligar as cidades aos mercados, uma vez que os governos locais são responsáveis pelos mercados, enquanto as compras de alimentos e outras áreas relacionadas com a alimentação pertencem a níveis mais elevados de governo.

Em eventos:

O grupo dos mercados de rua da WUWM reuniu-se em Stugart (Alemanha) com a associação alemã de mercados grossistas para promover os mercados de rua de alimentos frescos e planear eventos futuros!

O grupo retalhista da WUWM reuniu-se em Stugart a 30 de setembro para planear um próximo evento de apoio aos mercados retalhistas de alimentos frescos. Tivemos o prazer de entrevistar Jean-Paul Auguste, Diretor do Grupo Retalhista da WUWM, e Frank Willhausen da GFI, que partilhou connosco os principais resultados deste encontro.

20

Quais são os principais resultados desta reunião conjunta entre a GFI e o grupo LYLM?

Sr. Auguste: A GFI ofereceu-se para acolher a habitual reunião do LYLM em setembro, quando temos de rever a campanha de maio/junho. E a oportunidade de ser recebido em Stugart foi ótima, pois houve muitos eventos de mercado nesse fim-de-semana, mostrando como a vida no centro da cidade é vibrante! O Ministro da Agricultura alemão juntou-se a nós na celebração de sábado na Praça Schiller e explicou como o governo federal apoia os mercados e as iniciativas do LYLM. A próxima reunião do comité do LYLM está agendada para 2 de dezembro em Paris.

Sr. Willhausen: A 1 de Outubro, Stugart celebrou o seu tradicional mercado semanal de Ação de Graças com um dia de ação em frente da Stiftskirche na Schillerplatz. Este evento foi também o ponto alto da campanha de 2022 «Experimente o seu mercado local», a versão alemã de Love your local Market (LYLM). Este ano, tivemos a sorte de ter o nosso Ministro Federal da Alimentação e Agricultura, Cem Özdemir, como patrono da nossa campanha - um grande e merecido sucesso para os nossos mercados membros da GFI e para nós

como uma associação. O Ministro Federal abriu pessoalmente o mercado da semana da colheita e teve conversações intensivas com representantes do LYLM de muitos países europeus. A reunião de Outono do Comité LYLM no dia anterior, sexta-feira, 30 de setembro, teve lugar como uma reunião internacional na Câmara Municipal de Stugart com colegas alemães. O primeiro ponto da ordem de trabalhos foi uma troca sobre o trabalho atual e os desafios dos mercados. Depois discutimos o planeamento do LYLM e possíveis temas e locais para 2023. O encontro foi extremamente cordial, amigável e produtivo. Mostrou a importância do intercâmbio pessoal e informado sobre temas específicos do mercado.

Qual é o plano de trabalho do LYLM para os próximos 12 meses?

Sr. Auguste: Após uma campanha bem-sucedida em 2022, mas ainda não ao nível da participação do período pré-covid, é agora altura de ver o evento LYLM completo em ação em 2023. A guerra, a depressão económica, a inflação estão atualmente a levar as pessoas a considerar o nível de preços dos produtos como uma prioridade e num tal ambiente psicológico é importante escolher temas que permitam aos mercados retalhista e grossista alcançar o melhor nível de qualidade, defendendo ao mesmo tempo a nossa capacidade de sermos competitivos. As questões ecológicas também parecem estar entre os principais temas a apoiar (alimentação local, zero sacos de plástico, etc.).



O que está a WUWM a fazer para incentivar o papel dos mercados de produtos frescos?

M. Auguste: Estamos no processo de organizar o 'Love Your Local Market' e este trabalho deve ser plenamente reconhecido e apoiado por todos os membros da WUWM. A visibilidade da campanha LYLM ajuda os órgãos políticos (autoridades governamentais, regionais, locais), as administrações centrais, a compreender que os mercados retalhista e grossista são as únicas soluções logísticas eficazes para ajudar os produtos frescos a chegar da exploração agrícola até ao prato, para ajudar a agricultura local a sobreviver.

Os mercados estão também entre os últimos lugares a oferecer relações humanas reais e este dado é um trunfo para as cidades investirem! Como todas as populações precisam de comer e alimentar-se diariamente, a alimentação está no centro das nossas ações e é isto que torna os mercados únicos e atrativos.

Sr. Willhausen: A nossa associação tem sido uma rede, uma voz e um parceiro de ação para os mercados de produtos frescos alemães há mais de 20 anos. Oferecemos aos nossos membros uma ampla transferência de conhecimentos sobre mercados e análises de mercado, bem como sobre questões centrais de gestão empresarial. As nossas unidades de negócio concentram o seu empenho, experiência e especialização nos aspetos de eficiência e eficácia para a viabilidade futura dos nossos mercados. As nossas campanhas «Vitamina G como no mercado grossista» e «Experimente o seu mercado semanal» asseguram a visibilidade, relevância e legitimidade da nossa cadeia de valor na sociedade e política urbana. Além disso, como ponto de contacto central, agrupamos as medidas de marketing dos parceiros nacionais e internacionais do comércio retalhista qualificado e independente de produtos alimentares. No âmbito da nossa rede com a WUWM, temos vindo a fazer viagens de estudo a cidades europeias há anos, onde podemos dar uma vista de olhos nos bastidores dos mercados.

“Os mercados grossistas estão no centro da cadeia de valor dos alimentos frescos. É, portanto, necessário trabalhar em estreita colaboração com todos os parceiros da cadeia de valor.”

Pode dizer-nos porque pensa que seria benéfico para os mercados grossistas reforçar a sua relação com os mercados retalhistas de produtos frescos? E como pensa que o podemos conseguir?

Sr. Auguste: O LYLM foi concebido desde o início para atrair também os mercados grossistas. Durante os períodos de crise em 2020, quando os restaurantes foram encerrados, bem como as cantinas de empresas, etc., os comerciantes retalhistas mantiveram e até aumentaram as suas compras nos mercados grossistas. Isto foi claramente demonstrado, por exemplo, em Rungis, em França. Isto mostra que a ligação tradicional entre os dois tipos de mercados é essencial. Os mercados grossistas precisam de compreender e apoiar a permanência desta ligação comercial. Os mercados retalhistas precisam de mercados grossistas para manter o acesso a uma grande variedade de produtos, a uma curta distância dos mesmos, tornando a sua aliança num circuito curto verdadeiramente eficiente.

É tempo de ver os dois lados a jogar em conjunto mais de perto. A promoção de eventos conjuntos, tais como o LYLM, é um primeiro passo para um entendimento mais profundo e uma lealdade futura entre os nossos respetivos arrendatários, razão pela qual em 2022 a campanha LYLM foi também lançada no mercado grossista de Lisboa. A visibilidade pública da campanha LYLM dá-nos uma forma estratégica de aumentar os contactos com os decisores públicos e obter o seu apoio, de obter financiamento, de evitar que os nossos terrenos sejam transformados em locais de especulação imobiliária, e assim manter uma curta distância e tempo para entregar alimentos frescos aos centros das cidades. O LYLM pode e será também um grupo de reflexão para propostas de novas ações conjuntas, uma vez que os membros discutiram este projeto em Stugart.

Sr. Willhausen: Na reunião do comité LYLM discutimos a melhoria da relação entre os operadores do mercado grossista e retalhista. Os mercados grossistas estão no centro da cadeia de valor dos alimentos frescos. É, portanto, necessário trabalhar em estreita colaboração com todos os parceiros da cadeia de valor. E é por isso que a gestão de relações é o nosso trabalho diário! É assim que mantemos a competitividade dos nossos mercados como uma plataforma para o comércio grossista retalhista não vinculado. Isto diz respeito às relações comerciais existenciais entre os dois níveis comerciais, bem como à comunicação conjunta. Na Alemanha, temos a vantagem de que metade dos nossos mercados grossistas GFI também lidarem com 85% dos mercados semanais na Alemanha.

No mundo da WUWM

- **13 de setembro**, a WUWM participou no webinar «**Sistemas de mercado no centro das ligações urbano-rurais**» organizada pela UN-Habitat.
- **14 de setembro**, a WUWM participou no segundo webinar «**Jovens para o trabalho conjunto de Koronivia sobre a agricultura na COP27**», organizado pelo Centro de Conhecimento sobre Alterações Climáticas da FAO e pela YOUNGO em colaboração com o Fórum Mundial da Alimentação, YPARD, IAAS, UNFCCC e COP.
- **23 de setembro**, a WUWM participou na videoconferência «**3ª reunião de grupo de peritos ad hoc sobre o Mecanismo Europeu de Preparação e Resposta à Crise de Segurança Alimentar (EFSCM)**» organizada pela União Europeia.
- **26 de setembro**, a WUWM participou no «**Código de Conduta para Práticas Responsáveis de Negócios e Marketing na Cadeia de Abastecimento Alimentar**» organizado pela COPA e COGECA em parceria com a Comissão Europeia.
- **26 de setembro**, a WUWM participou na reunião online do Grupo de Trabalho Eurocities Food Group «**Cidades e mercados grossistas - Oportunidades de colaboração em sustentabilidade e acessibilidade alimentar**», coorganizado com a Eurocities, o Pacto Urbano de Milão e a iniciativa Food Trails da União Europeia.
- **27 de setembro**, a WUWM participou no webinar «**Não desperdiçar, não querer! Como conceber uma campanha eficaz de informação baseada em resíduos alimentares**», organizada pelo EUFIC.
- **29 de setembro**, a WUWM participou no «**Laboratório de Sistemas Alimentares da África do Sul - Racionalizar a governação a vários níveis entre governos locais, provinciais e nacionais para sistemas alimentares sustentáveis e resilientes na África do Sul**» coorganizado pela WUWM e pelo ICLEI.



22



About WUWM:

We aim to facilitate access to healthy diets for everyone in the world by delivering more sustainable, inclusive, and high-quality fresh food supply systems. We exchange ideas, share best practices and cooperate with our partners in international organizations, governments, businesses, and the public.

